

OS DOMINGUEIROS na LAGOA DE BERTIANDOS . Ponte de Lima, 18.01.2015

sob o signo das Camélias



Começamos o ano de caminhadas domingueiras com um grupo de 11 reunido no Dragão, em horário alargado, com atmosfera húmida/molhada, sem recuos, apreensões ou falsos medos de chuviscos, chuva, neve ou frio pois sabíamos que íamos ter tudo isso – gente rija, portanto!

Distribuição e acondicionamento nas viaturas sob a responsabilidade da dupla Alfredo/João que já mostrou que dá cartas no assunto e rumamos ao café mais próximo para o mata-bicho de alguns. Mesa para 6, café para todos, apresentação mútua da Ana Luísa e Marta e poesia do dia que reza assim:

*"Yesterday is history
Tomorrow is a mystery
but Today is a gift
That's why it's called the Present"*

(ou numa versão mais ligeira)

*O passado já passou
do amanhã nada sei
não esperes pelo presente
porque ainda não to comprei!*

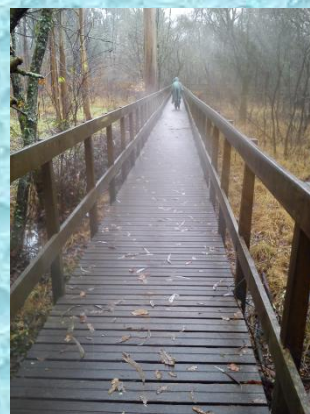
Pelo caminho lançou-se a ideia de mudar Sanábria para os Picos da Europa. Aderiram logo 6 ou 7, traçou-se um roteiro, imaginou-se percursos, fez-se contas à vida e ao calendário de férias de miúdos e graúdos e decidiu-se por ... manter Sanábria!



Mais meia hora e chegamos ao ponto de partida. Fechamos os casacos, vestimos as calças e os ponchos impermeáveis, abrimos os guarda-chuvas e estamos prontos para ... o segundo pequeno-almoço dos mais carecidos de substância sólida (pois a líquida tivemos sempre sem interrupções, sempre leve, levemente mas persistente), antes de começar a lenta passeata por terras minhotas em Zona húmida de importância internacional, Sítio Ramsar (cidade iraniana onde decorreu a

convenção) – esta classificação significa zonas de pântano, charco, água, natural ou artificial, permanente ou temporária, com água estagnada ou corrente, doce, salobra ou salgada, incluindo águas marinhas cuja profundidade na maré baixa não exceda os 6 metros. Portugal assinou esta Convenção sobre zonas húmidas em 1980, ratificou-a nesse mesmo ano mas só entrou em vigor em 1981 com o Estuário do Tejo e a Ria Formosa; as **Lagoas de Bertandos** e de S. Pedro de Arcos só foram designadas em 2005 e hoje Portugal conta com 31 sítios Ramsar.

Fiquei intrigada com tal nomenclatura e fui saber.. et voilà! c'est ça.



Estômagos acondicionados e peles protegidas, entramos logo na zona das Lagoas e deparamo-nos imediatamente com um passadiço de madeira, em linha recta, muito bem conservado, ladeado de corrimão e de imediato veio-nos à mente a Ria de Aveiro... era tal e qual(?!) Como diz o João “aqui deu para caminhar sobre a água”. Mas, em benefício da Ria, tenho a dizer que a Luz até ficou mais apreensiva com esta facilidade, pois a madeira com chuviscos fica escorregadia e depois da quinzena de molho de pé torcido da caminhada anterior todo o cuidado era pouco, mas acho que não lhe faltaram amparos, pois não torceu o outro pé.



Ficamos logo rendidos ao percurso fácil, às lagoas imensas com patos e garças a fazer raides aquáticos, aos refúgios com postos para observação da extensa fauna que é sempre abundante e variada nos painéis explicativos e nos faz levantar e esticar o pescoço à procura dela, sem a encontrar, mas posteriormente através das lentes do domingueiro/expert em fotografia, descobrimos sempre mais um exemplar que lá estava e escapou à nossa ‘atenta’ observação, distraída que estava com a conversa.

E de pronto se lembrou o Gabriel de registar toda a nossa boa disposição na 1ª foto de grupo, numa encenação possível do Gabriel, o pensador, (ups!! acho que nos enganamos na dobra da mão) que há muito não se juntava a nós e estava particularmente feliz com o seu regresso - e nós com ele, o que de resto ficou bem patente nas caras risonhas que todos fizemos para as fotos dele e bem observado pela São. Eram fotos “às resmas”, poses, flores para as flores, notícias da nossa (minha e dele) madeira, e boa disposição q.b. durante todo o percurso.



E vamos lá comer, que este percurso está feito para muitas paragens e com elas vem a fome/vontade de comer. Aqui, neste primeiro lanche, num refúgio desnivelado, abrigados da chuvinha miúda e com tempo para conversar tivemos oportunidade de aprender o significado do ditado popular “laranja, de manhã é ouro, à tarde prata e à noite mata” então, reza assim: ninguém morre por comer laranja à noite; o que morre é a energia daquele alimento altamente proteico, pois fica desaproveitado no nosso corpo em repouso. Boa! Alfredo, não só come como ensina a comer!



Ao olhar para as fotos parece que andamos sempre em linha recta, mas nada de ilusões. Fazemos sempre percursos circulares, certo? O que aconteceu foi que andamos sempre pelo mesmo tipo de caminho – com excepção daqueles centímetros de corta-mato para não sujar as botas - mas com bases diferente: ora traves de madeira, ora terra, ora erva, ora cama de folhas, ora água, ora alcatrão



(também havia um riacho mas como o Juan não foi...), mas sempre sem inclinação ou desnível e com espaço de manobra para fugir às poças de água.



Seguimos, como sempre em grupinhos conforme a adesão ao tema palratório do momento e juntando-nos para fotos de grupo e sobretudo quando é para esperar pelo chefe 2 quando resolve fazer um 'desvio à esquerda'. Aí, todo o mundo fica diligentemente à espera, de plantão, para que não se perca (ou mais precisamente para que não se percam), o que não acontece quando outro elemento tem de fazer um desvio à esquerda ou à direita, conforme a orografia local e depois é um corre, corre a ver se os apanha... Isto, como em todo o lado, há filhos e enteados! Mas fica aqui o registo e o meu veemente protesto!!!!



Nova foto de grupo, na ponte de Pentieiros, ponte do séc. XVI (ou XVII), com o seu cruzeiro e alminhas, mandadas construir para proteger os visitantes, agora sobre a zona fluvial da Azenha de Estorãos – tempos modernos!



E agora, ao almoço! Queríamos almoçar na igreja para ser diferente e original e já que Ela nos chamou o tempo todo para a missa... mas quando chegamos esta já tinha acabado e a porta já estava fechada. Restou-nos o beiral e um banco corrido e frio, o que nem deu para tirar os ponchos para comer mais à vontade, com excepção do Gabriel que resolveu pôr o paramento no muro a secar (tipo clérigo episcopal de verão), mas no caso dele foi para melhor cumprir a tarefa de enfeitar as flores domingueiras com a flora local e paroquial (camélias roubadas do quintal da igreja). Foi um bom gesto sobre uma má acção! Ficamos em quê? Deus perdoa ou pune?... Está lançado o mote à discussão. Por mim, já não sei, não! Se já não estamos em época de dar a outra face, mas sim um murro a quem nos chateia, então Deus ou mantem a cartilha divina e perdoa ou o Gabriel tem mais um pecado e terá que rezar 5 Avé-Marias, um Pai-Nosso e uma contrição. Nós podemos aligeirar: as meninas rezam cada uma uma avé-maria e ele o resto.



Depois do almoço e do café local seguimos em direcção à estátua das 4 mãos + 2: uma mão por cada freguesia mais as 2 do Gabriel que procedeu à limpeza do baixo relevo e permitiu decifrar o nome das freguesias aí inscritas: S. Pedro d'Arcos, Estorãos, Moreira do Lima e ... (não deu tempo para a limpeza geral) daí que mereça fazer parte da estátua, embora num plano inferior.



“O Minho é muito bonito”, acho que foi a Ana Luísa (ou a Luz) que sintetizou. Bonito e rico em informação - não faltam tabelas com percursos assinalados de 2, 4, 7, 12.5 kms para todas as constituições físicas e ritmos cardíacos, há casas para pernoitar - uma mais bonita do que outra, há um local para merendar sem margem para dúvidas e nem temos de levar talheres e que faz parte de uma quinta muito famosa, com nome curioso – Quinta de Pentieiros que é um centro de acolhimento local de grande valor patrimonial e histórico com grandes espaços de lazer que inclui uma piscina com espreguiçadeiras originais que clamam a um cómodo (ou agitado) abandono...



Há ainda espaços de interpretação ambiental para se documentar antes ou depois das caminhadas, mas só de Março a Outubro porque às vezes faz frio e não dá jeito trabalhar (maldizentes!), há esculturas de cana de milho que ninguém soube interpretar, há recantos e casas para namorar e algumas com nomes a preceito: casa da Cabação, e há campos para cultivar ou fazer de espantalho embora o Gabriel tenha feito apenas um ligeiríssimo part-time e por fim, houve muita música no ar.



Como era domingo, todos nós fomos 'obrigados' a assistir à missa cantada que depois de muita ponderação concluímos ser uma gravação, pois ninguém teria tanto fôlego para tanta e contínua celestial cantoria (passe a cacafonia).

Foto de grupo a finalizar e eis-nos chegados ao ponto de partida, uns directamente de volta ao Porto, outros com um ligeiro desvio a Ponte de Lima para satisfazer o desejo da Luz de papas de Sarrabulho mas que se ficou por um docinho da região - ela e mais 5 - no café local. Conversa interessante, onde ficamos a saber um pouco mais das aventuras dos caminhantes nos Picos e o Alfredo elucidou-nos um pouco sobre o percurso dos túneis, o que fez já alguns desistirem do mesmo muito antes do mês assinalado.



Reparem nalgumas caras e seu ar circunspecto – eu só me ria (amarelo), pois morcegos por cima e por baixo (dejectos) e eu no meio, tipo sandwich, não me agrada lá muito, mas pode ser que eles entretanto hibernem...



De volta aos carros, fomos apreciando a arquitectura local, com os últimos 3 níveis de cheias assinaladas nas paredes dos cafés/restaurantes à beira-rio e as esculturas proeminentes do centro da cidade (que evocaram outras proeminências escultóricas madeirenses recentes).



Tempo para passeata à chuva – nossa fiel companheira do dia – e mais fotos, agora do semi-grupo a fingir que dança e embora as meninas tenham aprendido bem o vira (o pé esquerdo da Luz estava magoado), já os rapazes estão com um ligeiro problema de colocação de mãos – é caso para citar John Donne *Consente às minhas mãos o gesto errante Em cima, em baixo, entre, atrás, adiante* (sorry!)

De notar ainda o conjunto de estátuas de soldados romanos à beira-rio, alinhados em posição de combate e que representam a passagem das tropas e do general romano Decius Junius Brutus por Ponte de Lima, no ano de 135 a.C. Almada Negreiros descreve o acontecimento assim “*Comandadas por D.J.Brutus, as hostes romanas atingiram a margem esquerda do Lima no ano de 135 a.C. A beleza do lugar as fez julgarem-se perante o lendário rio Lethes que apagava todas as lembranças da memória de quem o atravessasse. Os soldados negaram-se a atravessá-lo. Então, o comandante passou e, da outra*

margem, chamou a cada soldado pelo seu nome. Assim lhes provou não ser esse o rio do Esquecimento”.
O general lá está na margem direita e os soldados na margem esquerda do rio Lima, em ferro, granito e a cores, a fazer despertar a curiosidade e interesse histórico de quem se depara com tal cenário de guerra em tempo de paz.



Estão a ver o general?

Não o de vermelho! Na outra margem, a cavalo, debaixo da árvore...



E a senhora generala?

Em pose e em repouso.

Fim de desvio e entrada no carro do Alfredo de volta ao Dragão mas só depois de obrigados a limpar as botas da lama do campo de combate limiano, pois no Porto estamos em paz (podre).

Em Fevereiro há mais.

Preveem os *habitués* que este ano será de chuva aos domingos, já que o ano passado o tempo arejava para as nossas caminhadas e invernava logo a seguir, para nosso grande deleite. Segundo estes, é ano sim, ano não. Em Fevereiro já conferimos, *meus amores* (que o Jorge quer perfeitos).

